

REGIONALIDADE E IDENTIDADE EM *UM*
ROMANCISTA APRESENTA SUA TERRA, DE ERICO
VERÍSSIMO

Daniele Marcon¹
João Claudio Arendt²

Resumo: Este artigo analisa a produção não-literária “Um romancista apresenta sua terra” – ensaio publicado originalmente em *Rio Grande do Sul: terra e povo*, pela Editora Globo, em 1964 – de autoria de Erico Veríssimo. Tendo por base de autores como Pozenato (2003), Cuche (2002), Woodward (2000), Oliven (2006) e outros, o objetivo consiste em verificar em que medida se encontram presentes, na fala de Veríssimo, elementos que dizem respeito à região, à regionalidade e à identidade regional, discutindo o modo como o autor os dimensiona em seu texto.

Palavras-chave: região; regionalidade; identidade; Erico Veríssimo.

Regionality and identity in *Um romancista apresenta sua terra*, of Erico
Veríssimo

Abstract: This paper analyzes the non-literary production “A novelist presents his land” – essay originally published in *Rio Grande do Sul: land and people*, by Editora Globo, in 1964, authored by Erico Veríssimo. The aim of this study is to verify, in the words of Veríssimo, the presence of elements that relate to region, *regionalidade* and (regional) identity, concepts clarified based on the definition of authors such as Pozenato (2003), Cuche (2002), Woodward (2000), Oliven (2006) and others.

Keywords: region; *regionalidade*; identity; Erico Veríssimo.

¹ Rede Municipal de Ensino de Bento Gonçalves.

² Universidade de Caxias do Sul (jarendt@ucs.br)

O presente artigo tem, como objeto de estudo, uma produção não-literária de autoria de Erico Verissimo, intitulada “Um romancista apresenta sua terra”, publicada originalmente em *Rio Grande do Sul: terra e povo*, em 1964, pela Editora Globo. Pretende-se verificar em que medida se encontram presentes elementos que dizem respeito à região, à regionalidade e à identidade regional, além de discutir o modo como o autor os dimensiona em seu texto. Para tanto, este trabalho subdivide-se em duas seções: na primeira, apresenta-se a definição dos conceitos, bem como a noção do gaúcho enquanto um tipo social; em seguida, relacionam-se essas definições com o texto ensaístico de Verissimo. As considerações finais reúnem, por fim, algumas das ideias suscitadas a partir deste breve estudo.

REGIÃO, REGIONALIDADE E IDENTIDADE: ALGUNS APONTAMENTOS

Para falar sobre regionalidade, é necessário esclarecer, em um primeiro momento, o conceito de região. Para Pozenato, a região não é, “na sua origem, uma realidade *natural*, mas uma divisão do mundo social estabelecida por um ato de vontade” (2003, p. 150). Ou seja, delimita-se uma região através de decisões que seguem algum tipo de critério, sendo ela “um espaço construído por decisão, seja política, seja da ordem das representações, entre as quais as de diferentes ciências” (2003, p. 150). Conforme a proposição de Pozenato, “é costume partir do pressuposto de que a região (econômica, histórica, cultural etc.) é uma *realidade*, ou um fenômeno que tem existência autônoma e está aí para ser objeto de explicação” (2003, p. 151).

Porém, é importante destacar que, ao se estudar uma região, dever-se-iam priorizar as relações humanas e sociais ali presentes, não sendo o espaço físico o principal foco de análise. Nesse sentido, pode-se dizer que as fronteiras regionais, embora difíceis de serem precisadas, localizam-se no ponto em que um conjunto de valores começa a se diluir e a dar lugar a outro conjunto de valores culturais. Não se trata de delimitações geográficas, mas, sim, culturais.

Berumen também traz contribuições interessantes sobre o tema, ao afirmar que a região “no se encuentra nunca desligada de la existencia de una determinada identidad cultural y que, afincada en el territorio y en la tradición histórica, expresa la manera cómo una comunidad se reconoce y se manifiesta”

(2005, p. 52). Assim, as relações que se passam no interior desse espaço, incluindo as suas especificidades e particularidades culturais, constituem o que se pode chamar de regionalidade. Todavia, a ideia de regionalidade no singular dá a impressão de existir um bloco cultural homogêneo, quando, na realidade, regionalidades díspares e conflitantes coabitam em um único espaço social, as quais levam a identificações divergentes. Logo, não se está falando de algo definido e compacto, mas, pelo contrário, de um processo cheio de fissuras e imperfeições. As regionalidades podem ser tomadas como especificidades que integram e constituem uma paisagem cultural – e aqui se entende a região não como espaço limitado do ponto de vista dos seus significados, mas, ao contrário, como paisagem ampla, como potência cujo valor final é de precisão difícil.³

Para Pozenato, nessa mesma linha de raciocínio, “a regionalidade pode ser definida como uma dimensão espacial de um determinado fenômeno tomada como objeto de observação” (2003, p. 151). A regionalidade ocupa-se em identificar e descrever quase todas as relações do fato literário com uma certa região. De acordo com esse pressuposto, Berumen, por sua vez, assinala que a região é “un constructo cultural que cada investigador construye para dar respuesta a las preguntas que le permitan reconocer los signos diacríticos de una identidad cultural expresada a nivel regional” (2005, p. 55).

Se a região é um espaço delimitado, então, são estabelecidas fronteiras, as quais serviriam como demarcação simbólica, ou seja, constituiriam um traço excludente. Assim, a região seria um espaço fechado dentro de limitadores e, além disso, pertenceria ao espaço periférico em relação ao centro. Como se sabe, o centro pode considerado uma região de prestígio, a partir da qual se determinam as demais regiões, que seriam o interior, a província, o espaço afastado. Nesse ponto, recorre-se novamente a Berumen (2005), cuja obra problematiza essa questão a partir do próprio título: “La frontera en el centro”. Verifica-se, então, a mudança de posição do que antes era considerado periférico, e, ainda, a importância que assume a questão das relações humanas e sociais que se dão em uma região, ou seja, das regionalidades que ali existem.

Com relação à noção de interior, Barcia (2004) traz contribuições interessantes, mais especificamente, sobre a dicotomia cidade/interior. O autor lembra como se faz referência às cidades do interior quando se está no centro –

³ Para saber mais, veja-se, também, ARENDT, João Cláudio. Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais. *Revista Rua*, UNICAMP, v. 2, n. 18, p. 82-98, 2012.

ir para lá significa ir para fora. Refletindo sobre o comentário de um ensaísta argentino, Barcia aponta que “los letreros de los trenes en Retiro, que parten de Buenos Aires hacia el país mediterráneo dicen, paradójicamente: ‘Para afuera’, cuando van rumbo al corazón del país” (2004, p. 34). O mesmo autor declara, oportunamente, que “la denominación de Interior es arrasadora de diferencias regionales, es una falacia designativa porque unifica, indiferenciadamente, lo que es rico y fructuosamente diverso” (2004, p. 34). Não se trata, por conseguinte, de uma denominação correta, afinal, não é possível unir em apenas um conceito as diversas relações que ocorrem dentro de um espaço. Mas as regionalidades são ricas em sua multiplicidade, e ocultá-las sob a nomenclatura de “interior” constitui um raciocínio plenamente equivocado. Essa falsa unificação não objetiva nada mais do que fundir “todos los regionalismos en una sola unidad, el Interior” (BARCIA, 2004, p. 33).

O conceito de identidade, também necessário no contexto desta reflexão, pode ser definido como o conjunto de vinculações do indivíduo em um sistema social: “vinculação a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente” (CUCHE, 2002, p. 177). Percebe-se, dessa maneira, que a identidade possibilita que o sujeito identifique-se com o espaço que o rodeia, com o qual, inclusive, cria vínculos. Cuche assinala, ainda, que “todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social, definição que permite situá-lo no conjunto social” (2002, p. 177).

Mais especificamente com relação à construção da identidade, Cuche aponta que ela “se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas” (2002, p. 182). Trata-se, sem dúvida, de um processo real, pois, através dele, constrói-se aquilo que diferencia um indivíduo ou um grupo dos demais: a identidade. O mesmo autor propõe, além disso, que “não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a uma outra” (2002, p. 183). É a identidade, portanto, que distingue um gaúcho de um mineiro, por exemplo, e, para que exista um, é necessário que exista o outro.

Woodward (2000), por seu turno, reforça a ideia da alteridade, ou seja, da identidade estritamente ligada à diferença. A autora cita, como exemplo, o caso da guerra entre os sérvios e croatas, examinado pelo escritor e radialista Michael Ignatieff. Em um primeiro momento, questionado por Ignatieff sobre o

motivo de ambos os povos estarem lutando por pensarem que são diferentes, o miliciano que conversa com o escritor revela que até nos cigarros que fumam os sérvios e croatas são diferentes. Contudo, Woodward (2000) esclarece:

Trata-se de povos que têm em comum cinquenta anos de unidade política e econômica, vividos sob o regime de Tito, na nação-estado da Iugoslávia. Eles partilham o local e diversos aspectos da cultura em suas vidas cotidianas. [...] A princípio, parece não existir qualquer coisa em comum entre sérvios e croatas, mas em poucos minutos o homem está dizendo a Ignatieff que sua maior queixa contra seus inimigos é que os croatas se pensam como sendo melhores que os sérvios, embora, na verdade, ‘sejam os mesmos’: segundo ele, não há nenhuma diferença entre os dois (2000, p. 8-9).

Essa história mostra que a identidade é sempre relacional, ou seja, para existir, a identidade sérvia depende da existência de outra identidade, nesse caso, a croata. Aquilo que os sérvios não são (croatas) define o que eles são, o que comprova que a identidade é marcada pela diferença, sustentada pela exclusão (WOODWARD, 2000, p. 9). É nessa perspectiva que se pode falar em identidade regional: o sujeito reconhece-se no lugar onde se encontra, diferindo, entretanto, do sujeito de outra região. Distingue-se, também, daquilo que se projeta enquanto nacional e mais abrangente. Woodward esclarece, também, questões como crise de identidade e propõe que “a discussão da extensão na qual as identidades são contestadas no mundo contemporâneo nos levou a uma análise da importância da diferença e das oposições na construção de posições de identidade” (2000, p. 67).

A IDENTIDADE REGIONAL

Oliven, em sua obra *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação* (2006), busca esclarecer, entre outros elementos, a noção de identidade regional. Para ele, “a afirmação de identidades regionais no Brasil pode ser encarada como uma reação a uma homogeneização cultural e como uma forma de salientar diferenças culturais” (OLIVEN, 2006, p. 57). Nesse sentido, o mesmo autor sugere que, no Brasil, o nacional ainda passa antes pelo regional. Essa questão, por sinal, constitui uma discussão de longa data. À época do Modernismo, corria o sentimento ufanista, em que havia uma grande

valorização do nacional e acreditava-se necessário aproveitar o que havia de bom no Brasil. Esse período constituiu um momento de rupturas com o passado e de valorização de uma arte chamada moderna. Tratava-se de romper com a cultura do colonizador e fazer bom uso somente do que era de interesse interno, possibilitando a criação de uma identidade nacional e o aproveitamento da cultura e folclore locais. Nas palavras de Oliven, era a “redescoberta do Brasil pelos brasileiros” (2006, p. 42).

Porém, alguns modernistas negavam o regionalismo, acreditando que “era através do nacionalismo que se chegaria ao universal” (OLIVEN, 2006, p. 42). Havia, além disso, a preocupação com uma possível fragmentação do Brasil, dada a sua dimensão territorial. Esse receio estava presente justamente pelo fato de existirem diversos núcleos, cada qual com suas particularidades – as regiões. É nesse contexto que surgiu, em 1926, o *Manifesto Regionalista*, em Recife, em busca da “defesa da região enquanto unidade de organização nacional e a conservação dos valores regionais e tradicionais do Brasil, em geral, e do Nordeste, em particular” (OLIVEN, 2006, p. 44). A partir daí, tornou-se mais clara a noção de que a única maneira de ser nacional em um país com a extensão do Brasil era ser, antes, regional (OLIVEN, 2006, p. 46).

O GAÚCHO, TIPO SOCIAL DO RIO GRANDE DO SUL

Como aponta Oliven (2006), a relação entre o Rio Grande do Sul e o Brasil é marcada, historicamente, pela tensão entre autonomia e integração. O autor faz menção à Revolução Farroupilha (1835-1845), evento que se originou da insatisfação dos estancieiros do Rio Grande do Sul com relação à centralização política imposta pelo governo nacional e do sentimento de exploração econômica do seu estado pelo restante do país. A revolução, na qual o Império lutou com mais da metade do exército nacional, durou quase dez anos e terminou com a anistia dos “farrapos”. A partir desse entendimento, Oliven propõe que “a ênfase nas peculiaridades do estado e a simultânea afirmação do pertencimento dele ao Brasil se constituem num dos principais suportes da construção social da identidade gaúcha que é constantemente atualizada, reposta e evocada” (2006, p. 62).

Oliven também aponta, já em menção à manifestação de Erico Verissimo no ensaio que será em seguida analisado, os elementos que são

recorrentes no discurso do gaúcho. Entre eles, estão o caráter de fronteira do estado do Rio Grande do Sul, a escolha de continuar fazendo parte do Brasil, quando poderia ter escolhido pertencer ao antigo Império espanhol e, conseqüentemente, o alto preço pago por essa opção (faz-se necessário lembrar das muitas guerras em que o estado esteve envolvido), a autenticidade de costumes e, ainda, a existência de um tipo social específico, que é o gaúcho. Esse é sempre visto como um ser “marcado pela bravura que é exigida do homem ao lidar com as forças da natureza e a árdua vida campeira” (OLIVEN, 2006, p. 64).

O termo *gaucho*, na explanação de Oliven (2006, p. 65), tende a ser, fora do Brasil, associado ao ícone nacional que representa na Argentina. Tanto lá como no Uruguai, a palavra refere-se a uma representação nacional, enquanto, no Brasil, *gaúcho* diz respeito a um tipo regional, associado diretamente ao Rio Grande do Sul. Nas palavras de Oliven, “[...] no Brasil, o gaúcho é utilizado unanimemente por intelectuais para construir a identidade regional do Rio Grande do Sul” (2006, p. 65). O interessante de se notar é que, apesar de toda a diversidade interna que constitui o estado, o habitante sul-riograndense é representado por meio de um único tipo, que é o cavaleiro e o peão da estância da região sudoeste do Rio Grande do Sul. Ainda de acordo com Oliven,

na construção social da identidade do gaúcho brasileiro, há uma referência constante a elementos que evocam um passado glorioso no qual se forjou sua figura, cuja existência seria marcada pela vida em vastos campos, a presença do cavalo, a fronteira cisplatina, a virilidade e a bravura do homem ao enfrentar o inimigo ou as forças da natureza, a lealdade, a honra, etc. (2006, p. 66).

Contudo, a figura do gaúcho passou por um processo de elaboração cultural, através do qual chegou ao atual significado de habitante do estado, nem sempre tendo o sentido de herói. No período colonial, o habitante sul-riograndense era conhecido como *guasca* e *gaudério*, esse último de sentido pejorativo, indicando ladrões e contrabandistas de gado de uma fronteira móvel (dados os conflitos entre Portugal e Espanha). Já no final do século XVIII, passou a ser chamado de gaúcho, cujo sentido pejorativo permaneceu até meados do século XIX: com a organização da estância, gaúcho obteve o sentido elogioso de peão e guerreiro. Houve, assim, a resignificação desse termo, que passou de um tipo social marginal para o símbolo de identidade regional (OLIVEN, 2006, p. 66). É interessante ter presente, por fim, o ponto de vista

de Chaves, que chama de fenômeno ideológico “o processo de construção do gaúcho como campeador e guerreiro, inserindo-o no espaço histórico onde os atributos de coragem, virilidade, argúcia e mobilidade são exigidos a todo o momento, transportando-o ao plano do mito” (CHAVES, 1983, p.28). Assim, tem-se um claro exemplo da hegemonia de uma construção ideológica sobre as demais.

A DIMENSÃO REGIONAL EM ERICO VERISSIMO

Publicado originalmente em *Rio Grande do Sul: terra e povo*, pela Editora Globo, em 1964, “Um romancista apresenta sua terra” constitui uma produção que possibilita refletir acerca da identidade regional do Rio Grande do Sul, a partir de um ponto de vista que busca a linha tênue entre o autoelogio e a autodepreciação. A versão textual analisada neste artigo, cabe salientar, é a que se encontra na obra *Nós, os gaúchos*, compilação de ensaios e crônicas realizada por Sergius Gonzaga, Luís Augusto Fischer e Carlos Augusto Bissón. Essa obra, que como um todo abrange depoimentos de intelectuais, economistas e políticos, compõe um panorama do estado sulino a partir de diferentes visões e opiniões.

No ensaio de Erico Verissimo, doravante em pauta, encontra-se uma resposta do escritor à crítica contra o Rio Grande do Sul e os gaúchos, vinda de uma escritora nordestina que, sem nunca ter visitado o referido estado, afirma o seguinte: “você os gaúchos são acastelhanados, parecem pertencer mais à órbita platina do que à brasileira: fanfarrões, autoritários, teatrais, portam-se como se possuíssem o monopólio da coragem” (VERISSIMO, 1994, p. 242). Veja-se, então, o ponto de vista do romancista sobre a provocação.

UMA REGIÃO, REGIONALIDADES: A APRESENTAÇÃO DO ROMANCISTA

Inicialmente, será destacada a descrição das diferentes regiões e regionalidades que Verissimo faz, a qual se dá de uma maneira inusitada: ele vai

delineando o território sulino, como se ele e a escritora realizassem uma verdadeira viagem. Dirigindo-se a ela, o escritor afirma: “considere-se, pois, convidada a visitar o Rio Grande do Sul, onde serei o seu anfitrião e o seu guia” (VERISSIMO, 1994, p. 243). Verissimo começa por descrever a paisagem, desde o momento em que a convidada estaria chegando ao Rio Grande do Sul, atravessando antes uma ponte sobre o rio Pelotas, “passando a rodar através duma região montanhosa de belos e graves verdes, de cerrados pinheiros entremeados de outras árvores [...]” (VERISSIMO, 1994, p. 243). O escritor descreve a paisagem natural, com vales e relva, destacando que se trata de um dos mais belos cenários naturais que a jovem já teria visto em sua vida, a menos que seu antigauchismo incluísse também a geografia física do estado (VERISSIMO, 1994, p. 244).

Seguindo com a descrição física, verifica-se que Verissimo busca caracterizar o que de mais belo existe nos lugares por onde passam na fictícia viagem. Fazendo referência às “planuras de Cima da Serra” (VERISSIMO, 1994, p. 244), o escritor menciona os “pinheiros altos na forma de taças” (VERISSIMO, 1994, p. 244), “a doce limpidez do ar” (VERISSIMO, 1994, p. 244), a luz do outono que, nesta época, “é um mel” (VERISSIMO, 1994, p. 244), qualificando como excepcional o céu “dum azul puro e profundo”, muito parecido com o da Europa meridional (VERISSIMO, 1994, p. 244). A comparação com o ambiente europeu, vale observar, colabora para o enobrecimento da paisagem, permitindo verificar o tom de exaltação das palavras do autor.

Verissimo e a jovem seguem a viagem imaginária, com aquele narrando, então, “a mais dramática das paisagens deste extremo sul do Brasil” (VERISSIMO, 1994, p. 244) – trata-se do alto dos Aparados, a partir do qual é possível visualizar as praias do Atlântico. Diante da contínua descrição das belezas naturais, o escritor supõe o deslumbramento da escritora, ao afirmar que ela se encontra já “meio estonteada” (VERISSIMO, 1994, p. 245). Verissimo fala, então, de “Taimbezinho”, cujo diminutivo “diz pouco ou nada desta impressionante fantasia da natureza” (VERISSIMO, 1994, p. 245). Ainda com relação a ele, o autor, sempre dirigindo-se à escritora, é categórico: “não me diga que a Cachoeira de Paulo Afonso é mais grandiosa ou o fenômeno das pororocas mais impressionante, porque replicarei que o Taimbezinho é *diferente*. Dia virá em que há de formar, perfilado como está, entre as maiores atrações turísticas do Brasil” (VERISSIMO, 1994, p. 245, grifo original). Como se vê, esse é mais um dos sucessivos elogios do romancista à sua terra.

Erico Verissimo menciona, ainda, as paisagens e a gastronomia da Serra, passando pela zona de colonização italiana, lugar onde “se trabalha em ritmo paulista mas com uma alegria mediterrânea” (VERISSIMO, 1994, p. 245). O autor não deixa de mencionar as contribuições que os descendentes de italianos trouxeram para o estado com relação a “costumes, comidas, festas e canções” (VERISSIMO, 1994, p. 246) e, também, “a vitalidade e a alegria de viver desta gente” (VERISSIMO, 1994, p. 246), expressas através das flores, canções e danças da Festa da Uva de Caxias do Sul, por exemplo. O escritor cita, também, a zona de colonização alemã, onde aparecem cidades como Novo Hamburgo, “contrapartida germânica de Caxias” (VERISSIMO, 1994, p. 246), sendo que grande parte da indústria gaúcha constituir-se-ia de bases alemãs.

Assim, no que diz respeito à regionalidade, é possível perceber que Verissimo, ao longo de sua narrativa, aponta para as especificidades encontradas em cada região. Essas, por sua vez, são vistas enquanto paisagens culturais, abrigando, em seu interior, um sem-número de regionalidades, manifestações heterogêneas que devem, por isso mesmo, ser compreendidas enquanto algo plural.

A AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE(S)

Com relação, especificamente, à identidade do habitante sul-riograndense, Verissimo defende que “o comportamento humano é simbólico” (VERISSIMO, 1994, p. 242), pois, segundo o escritor, “vivemos num universo de palavras” (VERISSIMO, 1994, p. 242), a partir das quais surgem os mitos e preconceitos com relação a nossas ações ou atitudes. O que cabe ressaltar, conforme Verissimo, é que “a palavra *não* é a coisa ou a pessoa que ela designa, assim como o mapa *não* é o território que representa” (VERISSIMO, 1994, p. 242), e isso torna necessária a compreensão do outro, ao invés da formação ou reiteração de um estereótipo.

Em seguida, o autor, em referência ao contexto histórico das guerras, faz menção à escolha do Rio Grande do Sul em continuar pertencendo ao Brasil, quando poderia ter ficado do lado espanhol: “somos uma fronteira. No século XVIII, quando soldados de Portugal e Espanha disputavam a posse definitiva deste então ‘imenso deserto’, tivemos de fazer a nossa opção: ficar com os portugueses ou com os castelhanos” (VERISSIMO, 1994, p. 242). Ao

reforçar o “pesado tributo” pago pela escolha feita, Verissimo questiona a escritora: “como pode você acusar-nos de espanholismo?” (VERISSIMO, 1994, p. 242).

A partir de então, o romancista reitera a alusão às guerras que se fizeram presentes no Rio Grande do Sul e à dura lide da vida campeira do sulinos, a partir da qual menciona a virilidade do homem gaúcho. Verissimo pondera que essa passou a ser uma qualidade apreciada na figura do gaúcho, devido às condições de vida que perduraram por muito tempo no estado. Ele justifica, portanto, que “esse tipo de vida é responsável pelas tendências impetuosas que ficaram no inconsciente coletivo deste povo, e explica a nossa rudeza, a nossa às vezes desconcertante franqueza, o nosso hábito de falar alto [...]” (VERISSIMO, 1994, p. 242).

Oliven compreende, a partir da fala de Erico, que “a necessidade de dominar a natureza, garantir fronteiras, rebelar-se contra os desmandos do governo central, além dos conflitos internos do próprio estado, ajudariam a explicar o caráter um tanto feroso que já teria se incorporado ao inconsciente coletivo gaúcho” (2006, p. 65). O mesmo autor comenta que “as peculiaridades do Rio Grande do Sul contribuem para a construção de uma série de representações em torno dele que acabam adquirindo uma força quase mítica que as projeta até nossos dias e fazem-nas informar a ação e criar práticas no presente” (2006, p. 65). Ou seja, apesar das justificativas apresentadas por Verissimo, para Oliven, tais particularidades dos habitantes do Rio Grande do Sul ainda se fundamentam no mito, conforme já foi discutido em um momento anterior.

Ainda com relação ao habitante do Sul, vemos que Verissimo procura desconstruir a imagem do gaúcho caracterizado pela escritora nordestina como fanfarrão, autoritário e corajoso afirmando o seguinte: “nenhum dos heróis autênticos do Rio Grande que conheci jamais [...] se gabou de qualquer ato de bravura seu. Os meus coestaduanos que, depois da vitória da Revolução de 1930, se tocaram para o Rio, fantasiados, [...] esses não eram gaúchos legítimos” (VERISSIMO, 1994, p. 243).

Aliás, conferir uma única definição para o gaúcho constitui uma tarefa difícil para Verissimo, que, ao deparar-se com a seguinte dúvida, reafirma a heterogeneidade da cultura do estado:

Afinal de contas, que é um gaúcho? Um sujeito branquíssimo e louro chamado Schultz? Aquele senhor corpulento e corado, que

atende ao nome de Carotenuto? Ou será aquele outro de apelido luso e cara indiática como o autor deste artigo? Porque o Rio Grande do Sul é talvez o mais sortido cadinho racial do Brasil (VERISSIMO, 1994, p. 243).

Em certo trecho de sua fala, que desbrava imaginariamente diversas cidades do Rio Grande do Sul, Verissimo põe em xeque a imagem do *monarca das coxilhas*⁴. Em suas palavras:

Lá vem um gaúcho montado no seu cavalo. Prepare-se para uma decepção. A montaria é pequena, os arreios modestos, e o cavaleiro um homem de aspecto prosaico. Sua indumentária lhe parecerá triste em seus tons de cinza e pardo. Nada de esporas de prata, botas luzidias, bombachas largas e flamantes. Mas eu lhe garanto que esse gaúcho pobre é autêntico. Enxuto de carnes e de fala, reservado, avesso ao teatralismo, lá se vai ele ao trote do ‘ca’alo’, pitando seu grosso cigarro de palha. Não gosta de brigar, mas ‘peleia’ bem, quando provocado. Seu humor é escasso e seco. Bom sujeito, fique certa disso (VERISSIMO, 1994, p. 244).

Conforme Verissimo, não se trata de um homem cujas características provêm de um estereótipo, mas, sim, de um autêntico homem do sul, despido de qualquer riqueza ou artificialismo.

Ao fazer alusão a Passo Fundo e Cruz Alta, Verissimo não deixa de mencionar a hospitalidade do seu povo, que também é “tranquilo, sólido e sob muitos aspectos muito parecido com o paulista de origem lusa” (VERISSIMO, 1994, p. 247). Ainda atentando para características dos habitantes das regiões pelas quais passa na “viagem”, Verissimo aponta para os cidadãos da Região Missioneira, os quais têm reputação, não sabe se merecida, de “serem políticos astutos que sabem desconfiar, calar e esperar, gente matreira que – segundo uma explicação folclórica – herdou essas qualidades dos índios desta região e dos jesuítas, seus mestres e senhores” (VERISSIMO, 1994, p. 247). Novamente, tem-se um indício de que Verissimo tenta delinear as diversificadas identidades compreendidas pelo habitante do Rio Grande do Sul.

⁴ A expressão “monarca das coxilhas” faz referência à Revolução Farroupilha (1835-1845), ocorrida no Rio Grande do Sul, devido ao seu caráter separatista e antimonarquista: é uma característica atribuída ao homem gaúcho, que tem domínio sobre sua terra, seu pampa, e ali faz sua lei. Trata-se de uma visão mitificada com relação ao homem do sul, visto como herói destemido, forte, com pleno domínio diante da natureza.

Com relação à região da Campanha, que, conforme Verissimo, “muitos consideram a mais representativa do Rio Grande do Sul, não só pelo cenário como também pelo caráter de seus habitantes” (VERISSIMO, 1994, p. 248), há, novamente, uma referência à boa índole das pessoas que ali vivem. Dessa vez, o gaúcho que representa tal região não é mais um homem modesto, de poucos bens, mas um anfitrião que “corresponde à maravilha à imagem do gaúcho consagrada pela literatura e pela iconografia: um senhor alto e robusto, de largas bombachas de bom pano, botas finas, esporas de prata, lenço vermelho ao pescoço” (VERISSIMO, 1994, p. 248).

Esse mesmo homem, conforme descreve o escritor sulino, “não perderá nenhuma oportunidade de elogiar [...] seus encantos femininos” (VERISSIMO, 1994, p. 248), em referência à companheira de sua viagem imaginária. Verissimo ainda comenta que a jovem “se surpreenderá ao ouvir o estancieiro discutir literatura e citar em francês Anatole France e André Maurois. (Ou será Sartre e Camus?)” (VERISSIMO, 1994, p. 249). Percebe-se, aqui, que a representação do homem gaúcho não corresponde àquela citada anteriormente; pelo contrário, como o próprio Verissimo assinala, vemos uma figura já consagrada pela literatura, a qual, vale dizer, não está livre de estereótipos e lembra os traços ideológicos já mostrados por Oliven (2006). Trata-se de um indivíduo que possui bens e é dotado de virilidade, bem vestido em trajes típicos, sendo, ainda, um galanteador e conhecedor da literatura.

Ao passar por Uruguaiana, novamente o cenário muda; todavia, o homem ali representado é uma figura expansiva, cujas atitudes têm um caráter bairrista:

Peço-lhe que atente na diferença entre esta gente e os serranos e missioneiros, no que diz respeito a comportamento e indumentária e maneira de falar. O uruguaiense de bom nível econômico traja com uma elegância portenha. É extrovertido, gesticulador e inimigo da surdina. [...] Proclamará que, comparado com o melhor hotel de Uruguaiana, o Walford Astoria de Nova Iorque é “café pequeno”. E o homem é tão pitoresco e simpático, que você estará disposta a acreditar em tudo quanto ele lhe disse em suas exaltações bairristas (VERISSIMO, 1994, p. 249).

Próximo do fim de sua jornada, o romancista prossegue a narrativa descrevendo Pelotas e Rio Grande, fazendo menção ao frio de Canela, Gramado, Caxias do Sul, Bom Jesus e apresentando “com honra” Porto Alegre, a qual “pode ser comparada às mais diferentes cidades do mundo: Istambul

(sem as cúpulas e os minaretes), Seattle, San Francisco da Califórnia...” (VERISSIMO, 1994, p. 250). Nas palavras do escritor, “os habitantes desta metrópole guasca se movem numa cadência que é um termo médio entre a lentidão típica da gente latina e a pressa ianque do paulistano” (VERISSIMO, 1994, p. 250).

Encerrando o roteiro, o autor, continuamente em referência à jovem escritora, expõe:

E vendo e ouvindo esse campeiro tão íntimo da terra e da vida, tão iluminado pela sabedoria do coração, você compreenderá que o homem brasileiro é milagrosamente um só, de norte a sul, de leste a oeste, a despeito de todas as distâncias geográficas – um só no que possui de essencial: a cordialidade, o horror à violência, a capacidade de dar-se, e também de rir da vida, dos outros e de si mesmo (VERISSIMO, 1994, p. 251).

Com essa constatação, Verissimo arremata: “nessa hora, você, minha amiga, talvez já esteja preparada para olhar com mais tolerância – e quem sabe? – até com um pouco de amor para a terra gaúcha e a sua gente” (VERISSIMO, 1994, p. 251). Assim, não restaria, de acordo com o autor, nenhum elemento que conferisse sustentação a estereótipos, visto que o homem sul-rio-grandense seria equiparado ao habitante de qualquer outra parte do país: vítima das adversidades tanto quanto os outros, também com suas fraquezas e defeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da tentativa de Verissimo de igualar, por meio de características afins, os gaúchos aos habitantes das demais regiões do Brasil, é preciso lembrar que sua fala, ao longo de toda a narrativa, tem por objetivo contestar uma crítica vinda de outrem. Por essa razão, percebe-se que o escritor busca fugir do discurso que enaltece a figura do gaúcho, mas, também, não procura desvalorizá-lo: ele precisa encontrar o meio-termo. Além disso, nota-se a ênfase que recai sobre a qualidade heterogênea da cultura e das identidades que figuram neste estado, o que reforça a ineficácia dos estereótipos manifestados pela escritora nordestina, e torna mais fácil aproximar o habitante do Sul ao de outra região. É possível dizer, a partir das palavras de Erico Verissimo, que

existe, sim, uma afirmação de diferenças, mas que elas podem ser encaradas de forma natural, sem um enobrecimento desnecessário.

t.

Quanto ao caráter mítico do gaúcho enquanto tipo social, Oliven elucida: “quando se pretende comparar o Rio Grande do Sul ao resto do país, apontando diferenças e construindo uma identidade social, é quase inevitável que esse processo lance mão do passado rural do estado e da figura do gaúcho” (2006, p. 193). E isso se justifica no fato de esses elementos constituírem sinais distintivos com relação ao outro, o que permite, assim, a afirmação de uma identidade. Corroborar essa ideia o pensamento de Woodward, pois, para a autora, “ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado [...] que poderia validar a identidade que reivindicamos” (WOODWARD, 2000, p. 27).

Ao descrever as diversas regiões do seu estado, citando, também, as características específicas de cada uma delas, é preciso notar que Verissimo faz uso de termos elogiosos, almejando uma representação positiva de sua terra. Nesse sentido, recorda-se, mais uma vez, que é coerente que o escritor, ao desejar que sua amiga escritora visse o Rio Grande do Sul com outros olhos (que não somente os da depreciação), omitisse seus traços negativos. Ainda em tempo, pode-se afirmar que tal narrativa não-literária não deixa de trazer em si a própria opinião do autor, que defende, à sua maneira, um ponto de vista: o de que a identidade do tipo social gaúcho da atualidade ainda repousaria, de algum modo, no gaúcho do passado.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, João Claudio. Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais. *Revista Rua*, UNICAMP, v. 2, n. 18, p. 82-98, 2012.

BARCIA, Pedro Luis. Hacia un concepto de la literatura regional. In: RIVERO, Gloria Videla de; CASTELLINO, Martha Elena. *Literatura de las regiones argentinas*, Mendoza, Universidade Nacional de Cuyo, 2004, p. 25-45.

BERUMEN, Humberto Félix. *La frontera en el centro: ensayos sobre literatura*. Mexicali, Baja Calif.: Universidad Autónoma de Baja California, 2005.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.



OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: _____. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educs, 2003. p. 149-157.

VERISSIMO, Erico. Um romancista apresenta sua terra. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto; BISSÓN, Carlos Augusto. *Nós, os gaúchos* 2. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. p. 242-251.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 7-72.

*Recebido em 29/10/2018.
Aprovado em 10/12/2018.*